

O CONTO MACHADIANO

Domício Proença Filho
UFF, ABL

Introdução

Todo texto é diálogo.

Mobilizado por esta convicção, é que me permito revisitar algumas configurações do conto machadiano, caracterizadoras do seu imaginário. Assumido o risco calculado de reiterar o já afirmado em algum lugar da fortuna crítica do autor, possivelmente a mais ampla da literatura brasileira.

O *corpus*, a época, o gênero

Machado de Assis escreveu mais de 200 textos do gênero. Desde 1858, data da publicação de “Três tesouros perdidos”, na *Marmota Fluminense* até 1907. A maioria foi objeto de divulgação em periódicos. Basicamente no *Jornal das famílias*, entre 1864 e 1878; em *A Estação*, de janeiro de 1879 a 1898, na *Gazeta de Notícias*, entre 1881 e 1897. São 163 contos no total, assim veiculados.

O *Jornal das Famílias* e *A Estação* eram revistas femininas. Trata-se, portanto, de um público específico para o qual o autor direcionava basicamente a sua produção.

O Bruxo do Cosme Velho, como o chamou Carlos Drummond de Andrade, selecionou apenas 76 para figurarem nos sete livros em que os reuniu, a partir, ao que parece, da acolhida do público — leitor: *Contos fluminenses*, *Histórias da meia-noite*, *Papéis avulsos*, *Histórias sem data*, *Várias histórias*, *Páginas recolhidas*, *Relíquias de casa velha*. De um lado, o rigor, de outro a praticidade: duas faces de uma mesma moeda.

Esses os selecionados como *corpus* para as considerações que seguem. Acredito que seja uma amostragem representativa. As fontes dos textos citados são os volumes II e III dos três que integram a 2.^a edição da *Obra completa*, organizada por Afrânio Coutinho, publicada pela Editora José Aguilar, em 1959.

A época em que Machado se dedica mais intensamente ao conto marca, na cultura ocidental, como assinala John Gledson, a emergência de um novo tipo de respeitabilidade para o gênero, que ganha identidade, agora entendido como capaz de uma estruturação apoiada em princípios singularizadores. O autor de *Papéis avulsos*, antenadíssimo, navega seguro nessas águas. Mas sabe dos percalços da navegação. Como ele mesmo atesta, numa passagem do conhecido ensaio denominado “Notícia da atual literatura brasileira — instinto de nacionalidade”:

É gênero difícil, a despeito de sua aparente facilidade, e creio que essa mesma aparência lhe faz mal, afastando-se dele os escritores, e não lhe dando, penso eu, o público toda a atenção de que ele é muitas vezes credor. (O.c., v. III, p. 819)

E conhece as palavras de Diderot, citadas na “Advertência” ainda de *Papéis avulsos*, e delas e se vale como compensação:

Quanto a Diderot, ninguém ignora que ele, não só escrevia contos, e alguns deliciosos, mas até aconselhava a um amigo que os escrevesse também. E eis a razão do enciclopedista: é que quando se faz um conto, o espírito fica alegre, o tempo escoia-se, e o conto da vida acaba, sem a gente dar por isso. (O.c., v. II, p. 254)

Palavras reiteradas, no original, na epígrafe da “Advertência” de *Várias histórias*, que, segundo o autor, “servem de desculpa aos que acharem excessivos tantos contos. É um modo de passar o tempo”:

Mon ami, faisons toujours de contes... Le temps se passe, et le conte de la vie s’achève, sans qu’on s’en aperçoive. (O.c., v. II, p. 467)

O que não disseram nem Denis Diderot, nem Machado e nem Prosper Mérimée nem Edgard Allan Poe, também referidos como modelares na mesma “Advertência”, é que o conto da vida reduplica-se nos contos que escreveram.

E se o gênero se presentifica em alguns escritores do Brasil seus contemporâneos, é Machado de Assis que sedimenta efetivamente a sua configuração no processo literário brasileiro.

A temática reiterada

Seus contos, como seus romances, como é consabido, nuclearizam-se na atitude e no sentir dos personagens, elementos mobilizadores da reflexão.

Importa mais a análise de uma situação do que a situação em si mesma. O enfoque, a trama, o espaço situam-se, e Alfredo Bosi já o assinalou, “funcionalmente a serviço de um tema teórico, uma doutrina, uma ideia.” Evidencia-se a prevalência da linguagem.

Ganha vulto, no fundo, a obsessão da forma. Cultivada ao longo de um elaborado processo criativo, conscientemente assumido. Essa elaboração envolve, sem prejuízo da representatividade literária do texto, a reiteração de temas, reiteração equilibrada pela variedade de estratégias narrativas e uma das marcas de sua produção ficcional.

Perpassa dominante a temática reiterada o autoritarismo das imposições sociais como elemento determinante do comportamento dos indivíduos. Configura-se o que me permito denominar a *ditadura da aparência*.

O contista trabalha generalizações conceituais, centradas sempre na natureza do ser humano. E destaca as escolhas, a partir da observação do psicológico. Sua linguagem singulariza-se quando funda a ambiguidade no conflito semântico instaurado pela paródia irônica. A matéria que privilegia faz-se de aspectos negativos intemporais próprios da humana condição.

Exemplifico, a partir de quatro textos.

A “Teoria do medalhão” explicita-lhe a fundamentação. Centraliza-se no sentido figurado e pejorativo do termo, entendido como o indivíduo posto em destaque, mas sem qualquer mérito que o justifique. Ao fundo, a crítica, mediatizada sutilmente pela ironia que marca a conversa de pai e filho de que se faz a história. Ironia, nas palavras paternas, compreendida como

Esse movimento ao canto da boca, cheio de mistérios, inventado por um grego da decadência, contraído por Luciano, transmitido por Swift e Voltaire, feição própria de cétricos e desabusados”. (O.c.,v. II, p. 288)

Machado, como se depreende, tem plena consciência dos fundamentos de que se vale na sua criação literária e explicita também os autores dos textos com que dialoga.

Três passagens da fala do pai exemplificam a teoria do título.
A primeira marcada de avaliação sincera e cruel:

Tu, meu filho, se me não engano, pareces dotado da perfeita inópia mental, conveniente ao uso deste nobre ofício. Não me refiro tanto á fidelidade com que repetes numa sala as opiniões ouvidas numa esquina ou vice-versa, porque esse

fato, posto que indique certa carência de ideias, ainda assim pode não passar de uma traição de memória (id., ib. p. 289).

A segunda, um conselho, carregado de atualidade:

— Não te falei ainda dos benefícios da publicidade. A publicidade é uma dona loureira e senhoril que tu deves requestar à força de pequenos mimos, confeitos, almofadinhas, coisas miúdas, que antes exprimem a constância do afeto, do que o atrevimento e a ambição... (id., ib., p. 291)

A terceira, definidora:

O verdadeiro medalhão “longe inventar um *Tratado científico da criação de carneiros*, compra um carneiro e dá-os aos amigos sob a forma de um jantar, cuja notícia não pode ser indiferente aos seus concidadãos. Uma notícia traz outra, cinco, dez, vinte vezes põe o teu nome ante os olhos do mundo(...) Os sucessos de certa ordem, embora de pouca monta, podem ser trazidos a lume, contanto que ponham em relevo a tua pessoa. Explico-me: se caíres de um carro, sem outro dano, além do susto, é útil mandá-lo dizer aos quatro ventos, não pelo fato em si, que é insignificante, mas pelo efeito de recordar um nome caro às afeições gerais. Percebeste? (id., ib., p. 289)

Desnecessário lembrar a atualidade do conselho. É ver, na mobilização dos ventos hodiernos, assessorias e colunas especializadas, *blogs* e *sites* do espaço virtual.

Nuclear, no conto, a exaltação irônica da vantagem da ausência de ideias próprias.

Em “O espelho” subtulado “Esboço de uma teoria da alma humana”, retorna o mesmo tema, agora no exemplo prático. Os dois contos dialogam. Jacobina, o protagonista, o exemplifica:

— (...) Cada criatura humana traz duas almas consigo. Uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para dentro (...) Há casos, por exemplo, em que um simples botão de camisa é a alma exterior de uma pessoa;... E assim também a polca, o voltarete, um livro, uma máquina, um par de botas, uma cavatina, um tambor etc. Está claro que o ofício desta segunda alma é transmitir a vida como a primeira; as duas completam o homem que é, metafisicamente, uma laranja. Quem perde uma das metades, perde naturalmente metade da existência. (O.c., v. II, p. 341)

Na atmosfera difusa da narrativa, a imagem sobrepõe-se à realidade física. A tal ponto que o protagonista se vê reduzido à sua farda de alferes da guarda

nacional, refletida no espelho real e no espelho da opinião alheia. Uma das antecipações machadianas: não é o que vivemos na realidade virtual da internet? Qual é hoje a verdadeira natureza dos dialogadores do Rede? A da realidade física de cada um ou a da imagem veiculada na tela do computador? A vida vivida ou a *second life*? Fratura-se o corpo, envólucro da alma. Imagine-se a perplexidade de Aristóteles.

O conto evidencia a consagração da máscara, essa identidade de cada um condicionada pelo olhar do Outro.

Presentifica-se o signo do duplo, que frequenta com assiduidade a ficção machadiana.

Em “O segredo do bonzo”, onde a ação desloca-se para 1552, na cidade Fuchéu, retorna o predomínio das imposições sociais, agora associado à crítica ao cientificismo, também ironicamente explicitado. Ganha vulto, paralelamente, o *relativismo dos comportamentos*.

Recordemos: o narrador, identificado com Fernão Mendes Pinto, relata, num pastiche de sua *Peregrinação* quinhentista, uma experiência vivida em companhia de Diogo Meireles, naquele lugar e naquele tempo distante. Viniculada a três doutrinas, defendidas por três propositores, a última delas posta em prática pelos dois e mais por um personagem local, um alparcareiro, um fabricante de alparcas ou seja, de alpercatas, de nome Titané.

A primeira trata da origem dos grilos, defendida por Patimau. Para ele, tais insetos “procediam do ar e das folhas do coqueiro, na conjunção da lua nova”, conclusão que é fruto de dilatados anos de aplicação, experiência e estudos, trabalhos e até perigos de vida”, levados a termo por ele, matemático, físico e filósofo. A multidão que o ouve aclama-o em delírio.

A segunda, na palavra de Languru, consiste na descoberta do princípio da vida futura, quando a terra houvesse de ser inteiramente destruída: uma gota de sangue de vaca. Daí, conclui, a excelência da vaca como habitação da alma humana. Outro aglomerado de povo aplaude-o com alarido. Observe-se desde logo a natureza dos elementos relacionados, como recurso mobilizador de humor e ironia.

A terceira é de autoria do bonzo do título, chamado Pomada, a quem o cronista e o amigo são levados pelo alparcareiro. Pomada é um ancião de 108 anos, muito lido e sabido nas letras divinas e humanas. Deixemos que nos explicita a sua teoria, novamente marcada pela duplicidade:

Haveis de entender, começou ele, que a virtude e o saber têm duas existências paralelas, uma do sujeito que as possui, outra no espírito dos que o ouvem ou

contemplam. Se puserdes as mais sublimes virtudes e os mais profundos conhecimentos em um sujeito solitário, remoto de todo contato com outros homens, é como se eles não existissem. (O.c., v. II, p. 321-22)

E Pomada. (id., ib., p. 322) complementa:

Entendi que, se uma coisa pode existir na opinião, sem existir na realidade, e existir na realidade sem existir na opinião, a conclusão é que das duas existências paralelas, a única necessária é a da opinião, não a da realidade, que é apenas conveniente.

Os três interlocutores resolvem aplicar a teoria, por meio, segundo o cronista-narrador, de

uma idéia tão judiciosa quão lucrativa, pois não é só lucro o que se pode haver em moeda, senão também o que traz consideração e louvor, que é outra espécie de moeda, conquanto não dê para comprar damascos ou chaparias de ouro. (id., ib., p. 322-23)

Inventam uma fonte alimentadora dos ventos divulgadores: uma publicação chamada *Vida e claridade das coisas mundanas e celestes e de toda a costa malabar*, destinada a exaltar as alparcas feitas por Titané. A cidade Fuchéu se comove e as alparcas ganham fama e consumo.

O interlocutor-narrador pondera que não se cumpriu a doutrina pomadista, “pois não nos cabe inculcar a outros uma opinião que não temos, e sim a opinião de uma qualidade que não possuímos; este é, ao certo, o essencial dela.” (id., ib., p. 323-24)

E efetiva a sua proposta: põe-se a tocar charamela, que é o ancestral da atual clarineta, para encanto geral da multidão, movida por seu discurso preparatório.

Diogo Meireles, por sua vez, que se dedicara à medicina, diante de uma doença que grassava na cidade e que obrigava a extirpar os narizes dos atingidos, propõe uma solução para a desnarização necessária: substituir o nariz cortado por um nariz são, só que de natureza metafísica. E convence a todos, que o aclamam entusiasmados. afinal, “o ser humano não é outra coisa mais que o fruto da idealidade transcendental... Diogo lhes colocava o nariz metafísico que continuava a prover-se dos mesmos lenços de assoar”.(id., ib., p. 325)

A localização num tempo e num lugar distante, a referência a um povo de língua diferente constituem elementos garantidores de verossimilhança. Torna

a mensagem capaz de mobilizar pessoas de todos os tempos e lugares. Ao mesmo tempo em que asseguram o distanciamento próprio do jogo ficcional. O leitor se dá conta de que se trata de ficção e da ironia que perpassa o conto. Na mobilização do humor, entre outros fatores, o contraste entre elementos de simplicidade e altissonância, concreção e abstração.

Parodiam-se o discurso filosófico e o discurso científico. Repare-se: Machado traz para o vocabulário, nesse caso, como em outros, vocabulário e expressões próprios de outras manifestações linguísticas, o que provoca, necessariamente, um estranhamento. É nesse estranhamento que se apoia o efeito irônico do seu texto.

O diálogo retorna no “Anel de Polícrates” agora assumido por dois interlocutores A e Z, a primeira e a última letra do alfabeto. Núcleo da conversa, um terceiro, Xavier. Também de dupla face. “o Xavier nababo, exterior, o Xavier que nunca teve mais de duzentos mil-réis”. De novo, o duplo, de novo a relatividade. Nuclear, o percurso de uma frase deste último: “A vida é um cavalo xucro ou manhoso, e quem não for cavaleiro que o pareça”. A ideia era lançar a frase, como aconteceu com o realizado Polícrates, rei de Samos, que lançou um anel ao mar, para evitar percalços da fortuna, e o teve de volta no bucho de um peixe e ver o que acontecia. E a frase volta. Leia-se o conto.

Configura-se, ao longo das narrativas, o destaque ao poder do discurso e a presença sub-reptícia, da vassalagem à opinião, tão cara a Brás Cubas, como esse personagem-narrador explícita no prefácio das suas *Memórias póstumas*.

A ditadura da aparência vincula-se à veleidade em “D. Benedita” e à vaidade em “Uma senhora”, personagens-título marcadas pela preocupação com a corrosão do tempo. “A coisa mais árdua do mundo, depois do ofício de governar, seria dizer a idade exata de D. Benedita”. Em D. Camila, protagonista do segundo, ressalta o medo de envelhecer. Atente-se para o feminino desespero que a acomete diante do primeiro fio de cabelo branco, o impacto dos namoros da filha, a expectativa nervosa diante da possibilidade de ser avó. Mas vem o neto.

Ela, porém, ia tão apertadinha, tão cuidadosa da criança, tão a miúdo, tão sem outra senhora, que antes parecia mãe do que avó; e muita gente pensava que era mãe. que tal fosse a intenção de Dona Camila não o juro eu (“Não jurarás”, Mateus, v,34) tão somente digo que nenhuma outra mãe seria mais desvelada do que Dona Camila com o neto; atribuírem-lhe um simples filho era a coisa mais verossímil do mundo.

A mesma imposição associa-se à sátira aos costumes políticos em “A Sereníssima República” um conto feito do texto de uma conferência sobre a

república das aranhas, cujo idioma o conferencista, um cônego, decifrara. Em destaque, o processo eleitoral necessário a dar-lhes um governo idôneo, baseado no saco e bolas adotado na antiga Veneza, “iniciação dos filhos da nobreza no serviço do Estado. Metiam-se as bolas com os nomes dos candidatos no saco e extraía-se anualmente um certo número, ficando os eleitos desde logo aptos para as carreiras públicas.” (O.c., v. II, p. 337) São de notar as vantagens do método, segundo o seu propositor: “ele exclui os desvarios da paixão, os desazos da inépcia, o congresso da corrupção e da cobiça” (id., ib.). Mas houve fraude, que exigiu mudanças. A última eleição destinada a eleger um coletor de espórtulas, gerou uma crise, que levou à consulta a um filólogo, também bom metafísico e não vulgar matemático.

Concorreram dois candidatos: Nebraska e Caneca. O primeiro foi eleito. A bola tinha o seu nome. O segundo recorreu. O nome era o dele. E a filologia demonstrou que este último estava certo: Nebraska foi lido Caneca. Desnecessário assinalar a atualidade dessa eleição veneziana, quintessência da relativização. Sátira, no melhor estilo machadiano. Nem a filologia escapa do naufrágio das nossas ilusões...

A valorização da aparência alia-se à crítica ao cientificismo em “o alienista”, centrado na esquizofrenia, e na relatividade dos diagnósticos. Lembro a síntese do enredo.

Simão Bacamarte, um psiquiatra, “filho da nobreza da terra e o maior dos médicos do Brasil, e das Espanhas” (O.c., p. 255), funda, no município fluminense de Itaguaí, um hospício suntuoso: a Casa Verde. Dedicar-se com empenho raro ao ofício médico. E vai internando, com base em diagnósticos surpreendentes e aleatórios, e os munícipes que considera doentes. Meses depois da inauguração, confidencia ao boticário local a sua constatação de que a loucura, núcleo dos seus estudos e preocupação, era, até então, “uma ilha perdida no oceano da razão”, mas começa “a suspeitar de que se trata de um continente”. E passa a recolher um contingente excessivo de pacientes: o vaidoso, a supersticiosa, o bajulador, o orador hiperbólico. O terror toma conta da cidade. E leva à rebelião, chefiada pelo barbeiro Porfírio e sua ambição. Este culmina por assumir a prefeitura local e, de repente, começa a defender a necessidade da Casa Verde. Eis que quatro quintos da população encontram-se internada. Bacamarte reexamina os fundamentos de sua teoria. E passa a reconhecer a normalidade e a exemplaridade no desequilíbrio das faculdades mentais. Patológicos eram os sintomas de normalidade ininterrupta. Libera os antigos clientes. Interna então os tolerantes, os modestos, os simples, os cultores da verdade, os sinceros etc. Nas palavras do narrador:

Suponha um modesto. Ele aplicava a medicação que pudesse incutir-lhe o sentimento oposto. E não ia logo às doses máximas — graduava-as, conforme o estado, a idade, o temperamento, a posição social do enfermo. Às vezes bastaria uma casaca, uma fita, uma cabeleira, uma bengala, para restituir a razão ao alienado. Em outros casos, a moléstia era mais rebelde; recorria então aos anéis de brilhantes. (O.c., v. II, p. 285).

Bacamarte conclui, após longa reflexão, pela relatividade da eficácia do seu método terapêutico. Sadio, só ele, Simão, que, solitário, interna-se a si próprio na Casa Verde. E ali falece.

Destaca-se na perspectiva irônica do conto o tema da irracionalidade do comportamento humano, a relatividade dos conceitos éticos. A ética cede ao arbítrio. A virtude é posta em questão.

Ganha destaque a superposição dos interesses pessoais aos interesses do outro.

Presentifica-se ainda no conto a crítica ao arbítrio do poder. Nem o epílogo redime o personagem: sua autointernação converte-se no paroxismo patético da atitude egocêntrica.

A loucura, como tema, é retomada ainda, entre outras histórias, com variações sintomatológicas, como em “a causa secreta”, um dos raros contos marcados de sadismo e morbidez, em que um rato é sacrificado com requintes de crueldade. O sacrifício de um rato, assinala-se, volta a ser destacado, em outras circunstâncias, no capítulo 110 de *Dom Casmurro*. Aparece também em “O enfermeiro”, centrado num criminoso impune, herdeiro de sua vítima. Neste último, o tema da superposição da aparência liga-se ao poder corruptor da riqueza, também presente, aliado ao requinte de crueldade no “conto de escola”, de *Várias histórias*.

De certa maneira, relaciona-se com o jogo da relatividade entre a verdade e a mentira, em “Noite de almirante”, de *Histórias sem data*, associado à volubilidade de Genoveva, a jovem e perjura antagonista do desventurado Deolindo Venta-Grande: abro espaço, como lembrete, para as palavras com que ela justifica a sua infidelidade:

— pois sim, Deolindo, era verdade. Quando jurei, era verdade. Tanto era verdade, que eu queria fugir com você para o sertão. Só Deus sabe se era verdade! mas vieram outras cousas... veio este moço e eu comecei a gostar dele... (O.c., p. 440)

Vincula-se também à máscara do ser humano relativizado pelo bem e pelo mal em “A igreja do diabo”, do mesmo livro.

Machado destaca ainda, na sua ficção, a instituição do casamento. Os relacionamentos sociais deixam a superficialidade romântica para assumir a complexidade a eles inerente. Não nos esqueça o rigor que caracterizava a estratificação social à época.

O adultério ganha tratamento similar aos dos romances em que é tematizado.

É assumido, como nas *Memórias póstumas de Brás Cubas*, em dois contos de *Várias histórias*: em “A senhora do Galvão”, e em “A cartomante”, no primeiro, punido pela ironia:

— Hoje quase não tenho tido tempo de estar com você disse ela a Maria Olímpia, perto da meia-noite.

— Naturalmente, disse a outra, abrindo e fechando o leque; e, depois de ume-decer os lábios, como para chamar a eles todo o veneno que tinha no coração: Ipiranga, você está hoje uma viúva deliciosa... vem seduzir mais algum marido? (O.c., p. 458)

No segundo tragicizado, com um desfecho também pouco comum em Machado: a honra do marido lavada com o sangue dos dois amantes por ele assassinados.

Afinal, pontua a digressão do narrador onisciente em “A senhora do Galvão”:

Assim vai o mundo. Assim se fazem algumas reputações más, e o que parece absurdo, algumas boas. (O.c., p. 453-54)

Figura insinuado, como no romance *Quincas Borba*, em “A causa secreta”, além de, imerso na atmosfera intervalar de sonho e realidade, na sutileza dos meandros da sedução em “A Missa do Galo”, de *Páginas recolhidas*.

É presumido em *D. Casmurro*, se concedemos a Capitu o beneplácito da dúvida. Não nos esqueça de que o encanto da moça dos olhos de água reside no seu mistério.

Os temas, além do enfoque diferenciado, emergem de elaborações distintas, a começar da natureza dos narradores, em que está presente a reflexão integrada à narração e à ação, marcas da técnica do autor.

O tratamento conferido a eles, por outro lado, afasta-se do determinismo característico do modelo realista dominante no último quartel do século; os personagens machadianos estão longe de constituir vontades dominadas pelas forças insuperáveis do determinismo biológico, atávico ou social.

A ânsia de perfeição diante da precária condição humana está presente no citado “D. Benedita”, e em “Trio em lá menor”, de *Várias histórias*, e, associada à impotência criadora, em “Cantiga de esponsais”, de *Histórias sem data* e “em “um homem célebre”, também de *Várias histórias*. Com um aspecto curioso: o impasse nos dois últimos centraliza-se na mesma nota musical. cito o final do “Trio”:

— É a tua pena, alma curiosa de perfeição; a tua pena é oscilar por toda a eternidade entre dois astros incompletos, ao som desta velha sonata do absoluto: lá, lá, lá. (O.c., p. 509)

Retomo o desfecho da “cantiga”:

Mestre Romão, ofegante da moléstia e de impaciência, tornava ao cravo: mas a vista do casal não lhe supria a inspiração, e as notas seguintes não soavam:

— lá... lá... lá...

Desesperado, deixou o cravo, pegou do papel escrito e rasgou-o. Nesse momento, a moça embebida no olhar do marido começou a cantarolar a toa, inconscientemente, uma coisa nunca antes cantada nem sabida, na qual um certo *lá* trazia após si uma linda frase musical, justamente a que mestre Romão procurara durante anos sem achar nunca. o mestre ouviu-a com tristeza, abanou a cabeça, e à noite expirou. (O.c., p. 385-86)

Mais uma vez, a reiteração. Até na vinculação à arte musical. frequente na imagística machadiana. Lembro, a título de exemplo, a fala do maestro Marcolini, amigo de Bentinho, no capítulo IX, de *D. Casmurro*, intitulado muito significativamente “A ópera”:

A vida é uma ópera e uma grande ópera. o tenor e o barítono lutam pelo soprano, em presença do baixo e dos comprimários, quando não são o soprano e o contralto que lutam pelo tenor, em presença do mesmo baixo e dos mesmos comprimários. Há coros numerosos, muitos bailados, e a orquestração excelente... (...) Deus é o poeta. a música é de satanás, jovem maestro de muito futuro, que aprendeu no conservatório do céu. Rival de Miguel, Rafael e Gabriel, não tolerava a precedência que eles tinham na distribuição dos prêmios. Pode ser também que a música em demasia doce e mística daqueles outros discípulos fosse aborrecível ao seu gênio essencialmente trágico. (O.c., v. I, p 737)

O interesse pessoal, sobreposto ao compromisso moral, revela-se em “Evolução”, de *Relíquias de casa velha*, um retrato carregado de atualidade.

Em síntese, um dos dois personagens envolvidos na história, de nome Benedito, moralmente bom, mas intelectualmente menos original, vai, aos poucos, apoderando-se de uma frase do outro, Inácio, o narrador, até assumi-la como sua. Vale reiterá-la. Trata-se de um comentário deste último, durante o primeiro encontro de ambos.

Inácio — eu comparo o Brasil a uma criança que está engatinhando; só começará a andar quando tiver muitas estradas de ferro.

— Bonita idéia! exclamou Benedito falcando-lhe os olhos. (O.c., p. 681)

Trecho do diálogo, no segundo encontro:

Benedito — Na minha viagem de agora, achei ocasião de ver como o senhor tem razão com aquela idéia do Brasil engatinhando.

Inácio — Ah?

Benedito Sim senhor; é justamente o que o *senhor dizia* na diligência de Vassouras. Só começaremos a andar quando tivermos muitas estradas de ferro. Não imagina como isso é verdade. (id., ib., p. 682)

Em novo encontro, depois de vários, consolidada a admiração mútua:

Inácio — Quero vê-lo ministro, disse-lhe.

(...)

Benedito — Não digo isso, respondeu. Quando, porém, seja ministro, creia que serei tão — somente ministro industrial. estamos fartos de partidos; precisamos desenvolver as forças vivas do país, os seus grandes recursos. lembra-se do que *nós dizíamos* na diligência de Vassouras? O Brasil está engatinhando; só andará com estradas de ferro.

Inácio — Tens razão, concordei um pouco espantado. E por que é que eu mesmo vim à Europa? vim cuidar de uma estrada de ferro. Deixo as coisas arranjadas em Londres. (id., ib., p. 683)

Distanciamentos físicos, mais um encontro. Benedito, agora deputado, mostra ao interlocutor o borrão do discurso que faria na Câmara:

— Senhores, é tempo de cuidar, exclusivamente, — notai que digo exclusivamente — dos melhoramentos materiais do país. Não desconheço o que se me pode replicar; dir-me-eis que uma nação não se compõe só de estômago para digerir, mas de cabeça para pensar e de coração para sentir. Respondo-vos que tudo isso

não valerá nada ou pouco, se ela não tiver pernas para caminhar. E aqui repetirei o que, há alguns anos, *dizia eu* a um amigo, em viagem pelo interior: o Brasil é uma criança que engatinha; só começará a andar quando estiver cortado de estradas de ferro (id., ib., p. 684).

A mesma sobreposição do interesse pessoal figura, pungente e denunciadora, em “O caso da vara” e em “Pai contra mãe”, de *Relíquias de casa velha*.

Nem faltam considerações sobre a arte de escrever em “O cônego ou metafísica do estilo” de *Várias histórias* e em “O dicionário”, de *Páginas recolhidas*. Exercício de metalinguagem, frequente em inúmeros outros contos.

Como se percebe, nessas idas e voltas aos temas assinalados, o texto machadiano, em percursos técnicos distintos, satiriza o comportamento comprometido dos personagens com as instituições, a sua subserviência ao parecer como garantia do sobreviver. Caracteriza o reconhecimento, bastante comum, à necessidade do bem material como forma de bem estar no mundo. Mas, importa afirmá-lo, Machado não referenda: denuncia, embora não acuse diretamente. É atitude que mantém diante de outras transgressões ou escoriações que atingem o socialmente estabelecido pela moral convencional. Quase digo burguesa ou pequeno-burguesa. Nesse sentido, acompanha o vezo dominante na visão de mundo do seu tempo, marcada na literatura, pela observação e análise da realidade. Acompanha, mas sem subserviência. Ao fundo, traços da ambiguidade moral, na esteira de Diderot. Sua denúncia envolve ainda a mediocridade dominante em certos setores intelectuais do seu tempo. A “Teoria do medalhão” é, a propósito, exemplar.

O contista ironiza comportamentos, cosmovisões, modalizações românticas e realistas, satiriza discursos. Traço forte, no âmbito dos valores institucionalizados, notadamente em relação aos interesses pessoais e sociais, é o idealismo frustrado.

Rumos da construção

Os contos fazem — se de histórias simples, despojadas. Ao fundo, vida. Em primeiro plano, o tratamento da linguagem.

A trama se resume praticamente a uma situação ou a um conflito básico. O que predomina e nucleariza o interesse do leitor ou ouvinte é a digressão, carregada de argumentação persuasiva. O grande diferencial acaba sendo o discurso retórico.

Em síntese, associam-se na construção do conto machadiano comportamento individual, digressão, multiplicidade de enfoques, linguagem trabalhada.

Evidenciam-se, também na narrativa curta, sem prejuízo da singularidade, reflexos da forma shandiana, explicitada magistralmente, a propósito do romance, por Sérgio Paulo Rouanet em *Riso e melancolia*: centramento na subjetividade, presença forte da digressividade, esta traço diferenciador relevante em termos da reiteração apontada.

Na tessitura do texto, alternam-se pontos de vista.

Observe-se a variedade de narradores: em primeira pessoa, em terceira, dialogadores. Em todos ou em quase todos, a prática frequente da citada digressão sobreposta à ação e de vária natureza: autorreflexivas, digressões sobre digressões, digressões sobre os fatos. É elemento nuclear dos contos, na direção dos temas evidenciados. Neste espaço, o narrador emite opiniões. Mobiliza o leitor na direção delas.

Destacam-se, em termos de ambiência, a casa, a rua, a cidade, notadamente a primeira.

As histórias a privilegiam como espaço nuclear da ação. Essa limitação espacial propicia maior concentração na tecitura da narrativa. Dois exemplos, de rara ourivesaria: “Uns braços” e “Missa do Galo”. Mesmo a casa de Deus é assim utilizada, em “Entre santos”.

A casa assegura ainda uma certa atmosfera de intimidade familiar ou propiciada pela amizade, coerente com a personalidade evidenciada em “Teoria do medalhão” e em “O espelho”, para citar dois exemplos.

A rua e a cidade alternam com espaços vagos e funcionam como circunstâncias contextualizadoras integradas e garantidoras de verossimilhança, seja a cidade Fuchéu de “O segredo do bonzo”, a Itaguaí, de “O alienista”, o Rio de Janeiro, da maioria das histórias. Mas ambas em plano inferior à dimensão individual dos personagens. Essa é que conta e, pouco a pouco, na frequência do processo, ganha densidade. Talvez vinculada ao amadurecimento do próprio escritor.

E mais: se seus personagens se movem nesses espaços urbanos do Brasil, essa visão e essa localização em nada diminuem o caráter universal dos espaços de reflexão que suas histórias nos lançam diante.

Sua obra ficcional, por outro lado, não é um espelho explícito do Brasil em que vive: é fruto do que ele pensa sobre a realidade mais do que ele observa sobre essa realidade.

O estilo entre outras marcas, assume o coloquialismo, com um excepcional domínio da imagística. Configura a descoberta, a partir de acontecimentos simples e comuns do cotidiano, de dimensões incomuns, a ponto de conferir-lhes caráter de atemporalidade. esse jogo propicia efeitos humorísticos.

Repare-se ainda na multiplicidade de formas, na multidimensionalidade de sua prosa feita de histórias curtas, longas, diálogos, pastiches, monólogos, cartas.

Machado de Assis domina gradativamente a técnica narrativa ao longo de sua obra. Isso se presentifica nos romances como nos contos. Trata-se de um criador consciente dos recursos de que se vale, fundados rigorosamente na sua formação, quase digo na suas leituras.

O conto no processo literário brasileiro

No âmbito do processo literário brasileiro, seu texto ficcional é desvinculado de compromisso explícito com as tendências literárias que integram tanto o Romantismo, como o complexo estilístico pós-romântico.

O relativismo que os caracteriza o afasta, desde logo, das dicotomias radicais dos textos românticos e da perspectiva determinista de realistas e naturalistas. Ele aproveita elementos desses estilos epocais, como se vale dos clássicos e, em especial, de procedimentos impressionistas. Um impressionismo à Machado de Assis.

Em relação ao processo de construção, seus personagens não são, como tantos outros de obras do seu tempo, marcados pela distorção ou pela condição marginal. Mesmo o retrato psicológico que os configura é complexo.

Se, por um lado, em termos de linguagem, sua produção ficcional dá continuidade a certos procedimentos da tradição narrativa brasileira, por outro, converte-se, sobretudo nos textos da chamada maturidade, numa ruptura com essa mesma tradição e insere-se, antecipadora, na ficção moderna. E aqui retomo apreciação que defendi em 1978, em conferência pronunciada na Universidade Federal Fluminense.

No espaço dessa antecipação, configura-se o centramento na hipertrofia da problematização da existência.

A arte moderna privilegia a atividade lúdica, o jogo. Machado joga com o conteúdo, por intermédio da paródia, no sentido baktiniano do termo, e, conseqüentemente, do humor, por meio do qual fratura-se a visão tragicizante da vida. Isso se evidencia com maior nitidez nos romances. No conto, o escritor parodia sutilmente, por exemplo, o discurso científico, como ficou assinalado. Seu humor reveste-se de ironia, frequentemente mordaz.

Caracterizam-se ainda nos seus contos, na direção da ficção moderna, a construção gradativa dos personagens por meio do fluxo de consciência;

a valorização de estados mentais mais do que a ação e a trama; o frequente exercício da metalinguagem; a fratura da visão tragicizante por meio do humor; o exercício da intertextualidade, destacado o texto filosófico; a prática da narração como um processo de autorrevisão; o estímulo à participação do leitor na composição da obra.

Atualidade da ficção machadiana

Polissemia e universalidade possibilitam que um texto permaneça e seja atual.

A maioria dos contos e dos romances de Machado de Assis permanece e é atual na medida em que, em textos multissignificativos, evidencia, a partir de seu testemunho sobre o ser humano e a realidade do seu tempo, questões relacionadas com a condição humana, numa temática que envolve, entre outros destaques, além dos que foram assinalados, o amor, o ciúme, a morte, a afirmação pessoal, o jogo da verdade e da mentira, a cobiça, relação entre o ser e o parecer, as oscilações entre o bem e o mal, a luta entre o relativo e o absoluto. Sua percuciente visão de mundo aprofunda o nosso mergulho na direção de nós mesmos e do outro, no percurso em que conduzimos miticamente as pedras sisíficas ao alto da montanha existencial. Deus queira que nos imaginemos felizes e carregados de esperança.